

# O estado do Estado no país do futebol

**Marcelo Neri**



**N**os acostumamos a pensar as relações entre economia e sociedade como uma disputa antagônica, um velho clássico entre capital e trabalho, uma espécie de Fla X Flu, e em geral a pensar o trabalhador como o perdedor dessa disputa. Nesse jogo de forças econômicas entra o Estado, como uma espécie de juiz que, quando tem seu nome ou de seus familiares gritado das arquibancadas é mau sinal.

Na verdade, talvez valha a pena olhar todos esses atores como parte do mesmo time. O jogo econômico, repito, não é uma espécie de ataque contra defesa. Os dois lados da inequação marxiana atuam para o mesmo lado. Devemos pensar menos como diferentes clubes de futebol disputando um mesmo campeonato regional e mais como a seleção

do país onde todos jogam e/ou pelo menos torcem a favor. Nesse contexto o inimigo não trabalha nem mora ao lado.

Mas como é da natureza humana, a disputa se restabelece em outras partes. Segundo alguns, os vilões vêm de fora. Outros veem na disputa não amistosa entre países uma oportunidade de realizar ganhos de troca. O antagonismo entre capital e trabalho perdeu relevância no mundo globalizado, sendo substituído por outros: os contra e os a favor da integração dos mercados e aqueles que defendem uma maior ou menor intervenção do Estado na economia. O pêndulo dessas escolhas se moveu após a crise dos mercados deflagrada em Wall Street em 2008 e depois da crise de Estado da Europa de 2010.

A cada quatro anos o Brasil realiza eleições presidenciais logo após a Copa do Mundo. Então agora é a hora de escolher os jogadores, políticas e políticos, nessa ordem. Confesso que eu era crítico desse arranjo oportunista de fazer eleições logo após doses massivas de futebol, o chamado ópio do povo. Hoje aprendi a apreciar o processo. Depois das polêmicas dos 190 milhões de técnicos de futebol, cada brasileiro se alinha aos demais e termina torcendo, com ou sem críti-

cas, para o Brasil. É um exercício de catarse coletiva que confere um sentido de unidade a nossa grande, diversa e desigual nação.

Depois da fase futebolística vem a escolha de políticas e de presidente que seria nessa analogia o técnico a comandar a seleção canarinho nos próximos quatro anos. Uma sugestão: por que não aproveitamos as eleições presidenciais, e os rescaldos da Copa do Mundo, para escolher o técnico nacional de futebol. É só aproveitar a estrutura das eleições presidenciais e fazer o plebiscito para o cargo mais importante do país para os próximos quatro anos. Defendo aqui o movimento Diretas Já para técnico da seleção brasileira.

O Estado além de desempenhar no jogo de forças econômicas, os papéis de regulador e planejador, o que na nossa analogia seriam os controversos papéis de juiz e de treinador, ele também atua provendo bens públicos como educação, saúde, segurança, saneamento etc. Agora qual deveria ser o papel do Estado na economia? Essa talvez seja a maior controvérsia do próximo pleito presidencial, superior àquela envolvendo Ganso, Neymar, Ronaldinho e cia. Alguns acreditam que o Estado é um perna de pau inveterado; já outros

acham que é um craque que sabe atuar em todos os setores da economia. Independente do que faz o Estado tem de fazer bem feito, defendo como padrão Kaká de qualidade. Se o Estado jogar como o Kaká joga, eu quero três iguais a ele no meu time.

---

### **Por que não aproveitar as eleições e fazer plebiscito para o cargo mais importante do país? Técnico da seleção**

---

Delfim Neto, logo após a Copa de 1994, criou o termo Ingana, para definir o estado brasileiro, qual seja aquele que combina a carga tributária da Inglaterra e a qualidade dos gastos sociais de Gana. Agora, acredito há o outro lado da moeda: o mesmo Estado que engana ao taxar como país rico e gastar como país pobre também é enganado pela população com a informalidade e evasão fiscal. Esses são os dois lados da moeda: o Estado que engana, é enganado pela população. De lá para cá, os gastos públicos e a carga tributária aumentaram mais de 10 pontos percentuais no PIB. Nesse caso, as identidades fiscais correntes ou futuras, nos informam que sai o Estado que engana

e entra o Estado que Esgana a sua população. O termo se refere à mistura de Espanha com Gana. A taxa de crescimento do consumo do governo na Espanha é a mais alta entre os países desenvolvidos, cerca de três vezes maior que a da média deles e 50% maior que a da Inglaterra que teve responsabilidade fiscal não europeia no período. Essa péssima atuação do Estado espanhol lhe valeu vaga no seletor grupo dos Piigs.

Após décadas de instabilidade, batendo a nossa maior rival Argentina no jogo de hiperinflação, o Estado brasileiro aprendeu que a política macroeconômica é defesa e que a política social é a chave para alcançar os objetivos finais da sociedade, se eles estiverem conectados por um meio-campo de bons programas públicos. Historicamente, os maiores problemas brasileiros são de caráter coletivo mediados por falhas de Estado, como informalidade, inflação e desigualdade. Se o Brasil resolver escalar um Estado que siga o estado das artes, tudo bem. Por exemplo, o Tostão do Bolsa Família. Agora caso contrário, prefiro que ele nem fique no banco de reservas.

---

**Marcelo Côrtes Neri**, economista-chefe do Centro de Políticas Sociais e professor da EPGE/FGV  
[mcneri@fgv.br](mailto:mcneri@fgv.br)